



VIOLÊNCIA ESCOLAR: DIVERSOS OLHARES NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES/ALUNOS DO PARFOR DA UEM

Leonor Dias Paini (DTP/UEM)

leonorpaini@gmail.com

Cecília E. Mareze da Costa (DCF/UEM)

cemcosta@uem.br

Sebastião Gazola (DES/UEM)

sgazola@uem.br

Ivone Pingoello (DTP/UEM)

ace_carolina@hotmail.com

Ana Carolina Eugenio (PG-UEM - Orient. Paini)

ace_carolina@hotmail.com

Roberta Serra da Silva (PG-UEM -Orient. Paini)

robertaserra@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

EIXO TEMÁTICO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura trazer à tona uma reflexão sobre os problemas enfrentados pelos professores relacionados ao seu cotidiano escolar, no que tange aos casos comuns de violência escolar. Para tanto, intenciona-se socializar esta pesquisa sobre violência escolar e seus múltiplos olhares com o **objetivo** de conhecer a opinião daqueles que vivenciam a sala de aula e são testemunhos oculares desses desdobramentos no âmbito escolar. Enquanto metodologia, utilizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter teórico-prático em que foi aplicado um instrumento de investigação nos alunos-professores de vários cursos de graduação que foram criados pelo PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica) na UEM (Universidade Estadual de Maringá). Este programa Parfor, foi implementado em nível federal pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em parceria com as Secretarias de Educação dos Estados e dos Municípios e com as Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil, com a intenção de contribuir para a melhoria da formação de professores no Brasil.

Diariamente as pessoas vêm na mídia: ouvem nos noticiários da televisão e lêem nos jornais escritos ou no bate papo com amigos como a violência cresce assustadoramente, trata-se de uma realidade com características de insensibilidade e com múltiplas facetas: a familiar, a do cotidiano dos centros urbanos, a institucional, aquela que envolve pessoas próximas ou desconhecidas. E de modo geral, todos os tipos de violência social se refletem no espaço escolar.

De fato, o tema violência e suas implicações nas práticas escolares merecem estudos em seu conceitual para delimitar aspectos e interfaces entre a violência social como um todo e a escolar. Vale ressaltar aqui a obra de Bourdieu e Passeron, editada no Brasil em 1975, intitulada “**A reprodução**”, na qual se desenvolve a concepção de violência simbólica nos vínculos com o poder simbólico e a reprodução social e cultural. Para Bourdieu (1989, p.15) “o poder simbólico é poder subordinado, uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder”. Já para Ana Arendt(1969) a violência no século XX, pode ser explicada pela frustração da faculdade de agir no mundo contemporâneo, que tem suas raízes na burocratização da vida pública, na vulnerabilidade dos grandes sistemas, que secam as possibilidades de criação.

Desse modo, a maioria dos estudos mostram que a violência reside na estrutura social pelo tipo de sociedade que a reproduz. E as instituições a reproduzem, e a escola a reproduz em diversas circunstâncias, mas sobretudo quando seleciona, discrimina e elitiza o conhecimento. Ao abordar o tema sobre a violência escolar, destaca-se três fatores que merecem destaques em virtude de sua relevância dentro do ambiente escolar, sendo elas: a) indisciplina, b) *bullying* e c) obesidade, destaca-se por ser considerada atualmente um dos maiores problemas de saúde pública do mundo.

Segundo Aquino (1996), o item a) que analisa a indisciplina escolar, o autor afirma que não é “uma espécie de desprivilegio da escola pública”. Assim como Aquino, Leme (2009) mostra que a desigualdade social é insuficiente como explicação para a violência escolar. Existe tanto na escola pública como na privada, diferenciando apenas em suas manifestações. Nas escolas privadas, a violência se manifesta por meio de brincadeiras e apelidos na maioria dos casos, enquanto que na escola pública ela é mais explícita. Assim, entendemos que a indisciplina escolar é um grande desafio aos educadores de nossa época.

No item b) que se trata do *bullying*, vale lembrar que tem sido conceituado como uma variedade de comportamentos de maus-tratos adotados conscientemente por um ou mais

indivíduos em relação a outro, podendo ser de caráter físico e/ou simbólico(psicológico), caracterizado pela sua repetitividade e desequilíbrio de poder. Ressalta-se a dificuldade de solucionar e de detectar a sua ocorrência, visto que a vítima normalmente não denuncia as agressões sofridas, por medo de hostilizações ou represálias dos agressores. Segundo Ortega (2002) é fundamental que o docente entenda o fenômeno e que saiba lidar com ele. Pois, o professor que não o conhece ou que não o vê como um problema a ser enfrentado, não conseguirá perceber quando um aluno está sendo vítima de *bullying*.

Após explicitarmos cada item nos deter-se-á nesse artigo sobre o a obesidade infantil, por ser um tema ainda pouco pesquisado e que tem sido um tipo de violência simbólica, tanto pelo preconceito, quanto pela discriminação e os reflexos disso aparece como um desdobramento no processo ensino e aprendizagem e fica visível no contexto escolar.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde. Dados apontam que a projeção para o número de crianças obesas em 2.025 poderia chegar até 75 milhões, caso nenhuma precaução for executada. No Brasil, a realidade não é nada diferente, segundo o IBGE, a obesidade entre a população infantil está em torno de 15%. Estes dados são preocupantes, uma vez que as chances de uma criança obesa vir a se tornar um adulto obeso chegam a 16%. Ao tratar de obesidade infantil pode-se explorar três tópicos etiológicos: os fatores orgânicos, os psicossociais e os familiares, a fim de compreender o funcionamento psicodinâmico do indivíduo obeso, investigando a relação da criança com o ambiente familiar (NETO; SILVA, 2012 apud MASHIMA, 2007). As conseqüências concomitantes a obesidade nas crianças estão relacionadas a fatores emocionais e não orgânicos, como nos adultos.

Com o aumento da incidência de crianças obesas no Brasil, é fundamental que a escola tenha um olhar atento para todos os aspectos nos quais o ambiente escolar possa interferir. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada entre os alunos do PARFOR da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no ano de 2015, a respeito da percepção dos professores da rede pública de ensino na região de Maringá sobre o problema da obesidade infantil e seus reflexos no processo de aprendizagem e nas relações escolares. Diante dos dados coletados, fica o questionamento de como a escola, o meio no qual essa criança está inserida boa parte de seu dia, local no qual está sujeita a comportamentos hostis e exclusão, lida com essa realidade. Será que os professores estão cientes e orientados a lidar com tal demanda? É necessária uma atitude iniciada pela escola no sentido de conscientizar os pais dos alunos e numa ação conjunta propor mecanismos para erradicar a atitudes preconceituosas que muito prejudicam o desenvolvimento social e intelectual das crianças obesas.

A incidência de pessoas com obesidade ou sobrepeso está em consonância com as mudanças comportamentais da população em relação aos hábitos alimentares e aos padrões de atividades físicas que ocorreram nas últimas décadas. O consumo diário de alimentos e bebidas industrializadas como refrigerantes, enlatados, congelados e *fast foods*, conjugados com a redução do gasto calórico nas atividades cotidianas, tem levado ao balanço energético positivo e, como consequência, ao aumento do peso corporal da população, tanto de adultos como de adolescentes e crianças.

Obesidade, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), é uma doença crônica definida pelo excesso de gordura corporal, o qual pode trazer riscos para a saúde. O cálculo do índice de massa corporal ($IMC = \text{peso}/\text{altura}^2$) classifica como obeso o indivíduo adulto com IMC superior a 30 e com sobrepeso aquele que apresenta IMC superior a 25. Para a população infantil, o cálculo é diferenciado levando em consideração a idade e o sexo.

Pesquisas realizadas em 2014 pela OMS mostraram que mais de 1,9 bilhão de adultos, com 18 anos ou mais, estavam acima do peso. Destes, mais de 600 milhões foram considerados obesos, ou seja, mais de 13% da população mundial adulta estavam obesos. Diante desses dados, observamos que a obesidade realmente se tornou um problema de saúde pública, uma pandemia. Há uma preocupação geral dos diversos profissionais de saúde, dos órgãos públicos e da mídia com a obesidade, devido as doenças associadas com consequências de ordem físicas e emocionais.

De acordo com Costa, Souza e Oliveira (2012) além dos seus problemas relacionados à saúde, o indivíduo que está acima do peso em uma sociedade que valoriza a aparência física e o corpo idealizado, está suscetível a ser alvo de discriminação em seus diversos contextos, inclusive no contexto escolar. De acordo com esses autores o *bullying* é entendido como uma forma de violência que geralmente ocorre em escolas ou em ambientes de trabalho. Para Whitney e Smith (1993) esse fenômeno ocorre repetidamente por atos negativos por outros estudantes geralmente em público com a intenção de ferir ou machucar e também pode ser no ambiente escolar. Geralmente, o *bullying* envolve uma relação de desequilíbrio de poder ou força entre os indivíduos, seja esse desequilíbrio real ou simplesmente percebido, podendo ser praticado por violência simbólica, geralmente de forma verbal (tais como apelidos pejorativos), e ou de forma física (com agressões corporais).

O interesse no tema obesidade infantil tem crescido nos últimos anos no Brasil, não é só tem sido uma preocupação da sociedade médica e outros profissionais da área da saúde, mas também, de educadores e profissionais do ensino, visto que tal problema pode

interferir no processo ensino-aprendizagem e nas relações escolares e sociais. Com o aumento da incidência de crianças obesas no Brasil, é fundamental que a escola tenha um olhar atento para todos os aspectos nos quais o ambiente escolar possa interferir. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada entre os alunos/professores do PARFOR da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no ano de 2015, a respeito da percepção desses professores da rede pública de ensino de Maringá e região sobre o problema da obesidade infantil e seus reflexos no processo de aprendizagem e nas relações escolares.

OBESIDADE INFANTIL: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Participaram da pesquisa 146 alunos de sete cursos de graduação (licenciatura) do PARFOR da UEM, sendo que 66% dos alunos cursavam Pedagogia e os demais estavam distribuídos nos cursos de Física, Filosofia, Formação Pedagógica, Letras, Artes Visuais e Música. Foi aplicado um questionário contendo questões que buscaram avaliar a percepção desses alunos do PARFOR, que também são professores da educação básica do ensino público, a respeito da incidência de obesidade nas salas de aula onde lecionam e os reflexos comportamentais e de aprendizagem das crianças obesas ou com sobrepeso. Não foram realizadas medidas antropométricas, os entrevistados responderam as perguntas a respeito da incidência de alunos obesos apenas levando em conta sua percepção visual.

Quando questionados a respeito da presença de obesidade infantil nas salas de aulas onde lecionam, 53% dos entrevistados afirmaram ter alunos com problemas de sobrepeso e obesidade. Quanto perguntado quantos alunos por turma apresentam tais problemas, os resultados mostraram que 24% dos entrevistados possuem um aluno obeso/turma; 21% responderam de 2 a 3 alunos obesos/turma e 8% dos professores entrevistados possuem quatro alunos obesos/turma.

O excesso de peso infantil teve significativo aumento nos últimos 30 anos. Dados demonstram que na população infantil de 5-9 anos, entre os anos de 1974-1975, 10,9% dos meninos e 8,6% das meninas apresentavam excesso de peso. No ano de 1989, esses percentuais aumentaram para 15% entre meninos e 11,9% entre meninas, alcançando em 2008-2009, 34,8% e 32,0% para meninos e meninas, respectivamente. A prevalência da obesidade para tal faixa etária acompanha a mesma evolução descrita para o excesso de peso, porém com percentuais um pouco menores. O aumento na incidência de sobrepeso na população na faixa etária entre 10-19 anos, nos últimos 34 anos, mostra aumentos alarmantes, de 3,7% para 21,7% na população masculina e de 7,6% para 19,4% na população feminina e,

novamente, a prevalência da obesidade acompanha a mesma tendência que o excesso de peso, porém com frequências menores (IBGE, 2010).

A obesidade é considerada uma doença multifatorial, envolvendo aspectos fisiológicos, comportamentais, emocionais e sociais. (LUFT et. al, 2004 apud MACHADO; POLI 2009). Tais aspectos são fortemente influenciados por fatores genéticos, uma vez que pais obesos apresentam mais chances de terem filhos obesos. Segundo Mashima (2007) quando os dois genitores são obesos há 80% de chance dos filhos serem também obesos e quando apenas um dos pais apresenta obesidade as chances ainda são de 50%, contra 9% da criança ser obesa quando nenhum dos pais é obeso. Outros fatores apontados são também igualmente importantes como os ambientais, comportamentais, psicológicos e sociais. Desmame precoce, a introdução inapropriada de alimentos, relação familiar inadequada, sedentarismo, mudança de hábitos, depressão, isolamento e autoimagem negativa e a ansiedade dentre muitos outros são condições que podem predispor à obesidade.

A obesidade está associada a muitas doenças como hipertensão, diabetes mellitus, diversos tipos de câncer, distúrbios do sistema respiratório, depressão, comportamentos de esquia social, baixa auto-estima e desvalorização de si (MASHIMA, 2007). Nas crianças, as principais e mais frequentes consequências devido à obesidade estão relacionadas com problemas de ordem psicológica como imaturidade, infantilização, timidez excessiva, sentimento de incapacidade, tendência ao isolamento, baixa autoestima, dependência emocional, dificuldade de adiar gratificações, depressão, entre outros (BANIS et. al, 1988 apud MASHIMA, 2007). Estes prejuízos emocionais acabam afetando o desenvolvimento da criança, sua convivência social e o processo de aprendizagem na escola.

Nesta pesquisa procurou-se averiguar a relação dos alunos obesos com seus colegas, visto que estudos apontam que tais crianças normalmente são vítimas de *bullying* e piadas, podendo haver exclusão até dentro de suas próprias famílias (MASHIMA, 2007). Mais de 30% dos professores entrevistados que possuem alunos obesos responderam que tais alunos apresentam comportamento amistoso com seus colegas; 24% assinalaram um comportamento de timidez; 12% um comportamento conflituoso; 11% com tendência ao isolamento; 10% com comportamento preconceituoso ou agressivo; 5% com comportamento individualista e 5% com comportamento cooperativo. Segundo estudos, algumas crianças com problemas de obesidade infantil, se sentem diferentes e por serem motivos de piadas nos meios em que convivem, acabam desenvolvendo um sentimento de inferioridade e com isso tendem a evitar alguns eventos sociais, mesmo na escola. Fato que pode vir por desencadear

problemas de aprendizagem. A tendência ao isolamento, segundo Mashima (2007) algumas vezes, aparecem como fobias sociais, levam à timidez, insegurança, sentimentos de incapacidade e desmotivação. Em contrapartida a essa timidez, comumente para serem mais aceitas, acabam desempenhando o papel de “boazinhas”, fazendo tudo que lhes é solicitado com simpatia e bom humor, aparentando estarem sempre felizes, deixando suas vontades em último plano. Tais características acabam acompanhando-as ao longo de suas vidas, sendo que em adultos obesos também são observadas tais características,

Quando os professores foram questionados quanto à forma como os demais alunos se expressavam em relação aos seus colegas com problemas de obesidade, os resultados observados foram separados quase que igualmente em dois grupos, com 53% dos professores que tinha alunos obesos respondendo que os demais alunos se comportam de maneira amigável ou acolhedora e os demais, 47% do professores, mostrando a percepção de que os alunos tratam seus colegas obesos com preconceito ou agressividade ou exclusão. Dentro deste contexto, há estudos (Mashima, 2007) entre outros, os quais demonstram que as crianças associam crianças obesas a características como estúpidas, feias, infelizes, isoladas socialmente, preguiçosas e desonestas. Ainda na relação de obesidade e sobrepeso com problemas sociais estudos apontam que os indivíduos obesos tendem a se sentirem rejeitados pelo simples fato de serem obesos, além de serem estigmatizados como preguiçosos e relaxados, sendo culpabilizados por sua condição de acordo com COSTA et all (2012). Segundo este mesmo autor, os alunos obesos são alvos mais frequentes de sofrerem agressões por seus colegas, principalmente os meninos, e têm menos chances de desenvolverem relações românticas com seus pares, meninas obesas foram descritas como menos prováveis de se envolverem em uma relação amorosa. Nossa sociedade atual está embasada no culto à beleza e ao corpo ideal e, além disso, há uma intolerância aquilo que é diferente, principalmente quando é considerado socialmente como negativo há uma tendência à exclusão e não aceitação do que não se encaixa dentro do grupo.

Por serem vítimas de preconceitos estas crianças acabam tendo sua auto-estima diminuída, dificultando seu envolvimento em atividades coletivas. De acordo com a pesquisa aqui relatada, 62% dos professores responderam que os alunos que apresentam problemas com obesidade são pouco participativos nas atividades escolares, com apenas 38% dos professores relatando que tais alunos são bastante participativos. Essa falta de participação em sala de aula pode resultar em dificuldades de aprendizagem, além dos prejuízos de socialização. Isso pode ser constatado quando se fez o questionamento aos professores a

respeito do rendimento escolar. Cerca de 38% dos professores mencionaram que crianças com problemas de obesidade apresentam interesse, mas tem dificuldade de aprendizagem, 15% dos professores apontaram falta de interesse e dificuldades de compreensão, 10% dos professores relataram dificuldades na resolução de exercícios e outros 10% mencionaram dificuldades de compreensão, apenas 27% dos professores registraram terem tais alunos boa participação e compreensão.

Contrariamente aos resultados de participação nas atividades e no desempenho escolar, esta pesquisa demonstrou que as crianças que enfrentam problemas de obesidade estabelecem boas relações com a equipe escolar (professores e outros profissionais da escola). Os resultados mostraram que 80% dos professores relataram serem tais alunos muito comunicativos e afetivos e apenas 20% dos professores apontaram problemas de relacionamento, caracterizando tais alunos como introspectivos ou que não se relacionam.

Dentro de uma sala de aula, o desenvolvimento intelectual de uma criança está intimamente ligado ao desenvolvimento emocional da mesma. Isto por que as emoções afetam o indivíduo como um todo, tanto nas questões físicas como intelectuais. Uma criança que é hostilizada pelos seus colegas de classe acaba por não desenvolver uma confiança em si mesmo, não terá motivação para ir à escola, participar das atividades em sala de aula, ou ainda apresentará dificuldades de aprendizagem por estarem em um estado emocional ansioso e/ou depressivo.

Estudos tem demonstrado que o papel da família é de extrema importância para o enfrentamento dos problemas associados com a obesidade. De acordo com Melo Neto e Silva (2012) o ambiente familiar tem a função de dar suporte para todas as emoções que a criança manifesta, mas pode também pode ser uma das causas da aquisição da obesidade do filho. Uma vez que a família é a primeira vivência social que a criança tem, e que a questão é de pertencimento a um grupo considera-se primordial para a criança sentir-se aceito. É por meio da família da criança que ela é apresentada ao mundo, as normas sociais e aprendizagem cultural, assim como o aparato pelo qual enxergará esse mundo. Os pais auxiliam na socialização das crianças, oportunizam a vivência cultural e desenvolver novas atitudes e comportamentos que auxiliam à sua formação. Em cada grupo há um significado diferente para a comida variando a representação que será passada dos pais para os filhos.

Quando questionado aos professores a respeito da percepção dos pais a respeito do problema de obesidade dos filhos e suas consequências, 52% dos professores responderam que os pais tem boa percepção do problema e 48% responderam que não. Com relação aos pais que

demonstrarem tais preocupações em reuniões escolares ou em contato individual com os professores e a direção da escola, 44% dos professores responderam que sim, percebem tal preocupação por parte dos pais no dia a dia escolar, mas 27% dos professores assinalaram não e 29% não souberam responder. Considerando a família o principal instrumento de apoio físico e emocional, é lamentável que a pesquisa demonstre que menos de 50% dos professores vivenciam esta cumplicidade da família e a escola. Vale ressaltar como a família deveria lidar com esses problemas, segundo Fante e Pedra (2008, p. 02) “uma forma eficiente seria ensinar regras de convivência saudável aos filhos, são o afeto incondicional, o diálogo e as atividades educativas, como jogos esportivos, aulas de arte e ações solidárias”. Mas como vai a família hoje? E como se conceitua a família atualmente? Segundo Minayo (1999, p.83) “a família é uma organização social complexa, um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem as relações primárias e se constroem os processos identificatórios”. Esse autor considera que a é na família que se definem papéis sociais de gênero, cultura de classe e se reproduzem as bases de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que existe uma preocupação com a obesidade no âmbito escolar, pois aponta para os prejuízos que essa doença pode desencadear na criança em relação ao desenvolvimento de sua aprendizagem, sua relação com a escola e também seu desenvolvimento social. Os professores investigados alegam que as conseqüências da violência escolar são perceptíveis na desmotivação do aluno ao frequentar o ambiente escolar, apresentando dificuldades de aprendizagem, timidez excessiva, isolamento social, insegurança, sentimento de incapacidade e desmotivação; influenciando atitudes que podem refletir por toda a vida adulta.

Diante dos dados coletados, fica o seguinte questionamento: Como a escola lida com este quadro situacional de violência? Pois se trata de um local em que a criança está sujeita a comportamentos hostis e de exclusão. A escola é um espaço no qual a criança está inserida boa parte do seu dia-a-dia. Fica a pergunta: Como os professores lidam com esta realidade? Será que os professores estão cientes e orientados para intervir na realidade escolar com tal demanda? Que formação estes professores recebem para lidar com todo tipo de situação de conflito no contexto escolar? Para Fante e Pedra (2008, p. 02) além de que as escolas devem dispor de profissionais que possuam habilidades específicas e técnicas que podem ser

facilitadoras para a implantação de estratégias de prevenção e combate à ocorrência de violências no espaço escolar, dentre elas, há a necessidade de valorização dos integrantes da comunidade escolar, a possibilidade da abertura de um canal de expressão para alunos, professores, técnicos, familiares e outros, na qual favoreça o diálogo e a difusão de uma cultura.

Em relação à pesquisa de campo sobre a obesidade, os professores relatam que as crianças sofrem muito por violência simbólica, a chacota e o xingamentos entre outros, prejudicam o estado psicológico além de causar o isolamento a própria criança se sente marginalizada. Isso tudo compõe um tipo de violência escolar que se caracteriza pelo *bullying* ou *ciberbullying*. Por isso, este estudo serve de alerta para o sistema educacional e escolar à medida que o projeto político pedagógico da escola não pode mais deixar ignorar este problema que chega na escola. Faz necessário pensar num planejamento para os conflitos que desembocam na sala de aula. Esse quadro situacional de violência leva os envolvidos a pensar que é preciso uma ação conjunta para viabilizar e propor mecanismos para diminuir atitudes e comportamentos preconceituosos que muito prejudicam o desenvolvimento social e intelectual das crianças obesas.

Vimos que a literatura pesquisada procura subsidiar a reflexão sobre como a violência na escola que se explica sob múltiplos olhares, mas todas as facetas quando não enfrentadas pelo plano de intervenção pedagógica acabam contribuindo para dois grandes aspectos o fracasso escolar e de exclusão escolar e social. De fato, a revisão de literatura somada a experiência do professor/aluno pesquisado, mostrou que foi possível verificar os impactos da violência sobre a aprendizagem e o fracasso escolar e sobre o funcionamento da escola têm sido apontados em vários estudos, Tavares dos Santos (2001) e Mattos (2007) entre outros, alegam que cada vez mais vem sendo abordados nas pesquisas essa temática. Os dados mostram e Maturana (2000) entre outros confirmam que esse processo tem sido tangenciado pela violência na socialização, na formação ética identitária e cultural e no desenvolvimento humano de educandos que compreendem os impactos da violência no bojo de processos de desumanização, ainda estão sendo muito pouco discutidos. A pesquisa mostra que há necessidade de mais estudos sobre esta temática principalmente em relação à mediação de conflitos no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. Between past and future. Nova York: Meridian Books, 1961. _____.
Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1969/1994. ARROYO, M. G. Quando a
violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 28, n.
100 - Especial, p. 787-807, out. 2007.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de
ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

COSTA, M. A. P.; SOUZA, M.A.; OLIVEIRA, V.M. **Obesidade infantil e bullying: a ótica
dos professores**. Educ. Pesqui. vol.38 no.3 São Paulo jul./set. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Antropometria e
estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil. 2010. Disponível no site:
http://www.ibge.gov.br_2009, <acesso em 19 de julho de 2015>.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto
Alegre: Artmed, 2008.

MACHADO, R. L.; POLI, M. C. A Criança e Seu Entorno: Pesquisando a Obesidade na
Infância. **Revista de Psicologia da IMED**, vol.1, n.2, p. 169-179, 2009.

MASHIMA, F. K. T. **Investigação das características psicodinâmicas de crianças obesas e
de seus pais**. Ribeirão Preto, 2007.

MATTOS, Carmen L. G. A pesquisa etnográfica sobre o fracasso escolar no Brasil nas
últimas duas décadas. Texto apresentado em Conferência proferida na Faculdade de Educação
da Universidade de Cambridge, UK, em 18 de abril de 2007.

MATURANA, H. Formação humana e capacitação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MELO NETO, G. A. R.; SILVA, R. S. **Obesidade infantil: um recorte psicanalítico**. 21º
EAIC/ (Encontro Anual de Iniciação Científica) (2º EAITI). Universidade Estadual de
Maringá, Maringá- PR., 2012.

MINAYO M. C. de S *et al.* (org.). **Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do
Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **A violência na escola: conflitualidade social e ações
civilizatórias**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

ORTEGA, R.; DEL REY, R. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**.
Brasília, DF: UNESCO: UCB, 2002.

World Health Organization (WHO). **Obesity and overweith**, 2015, Disponível no site:
<http://www.who.int/mediacentre> <acesso em 19 de julho de 2015>

World Health Organization (WHO). **Obesity**, 2015. Disponível no site:
<http://www.who.int/topics/obesity/en/>. <acesso em 19 de julho de 2015>.